

UMA ABORDAGEM DAS “CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS” NA GRAMÁTICA COGNITIVA

Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB/CNPq)
edson123@gmail.com

Andréa de Oliveira Gomes Martins (UFPB/PIBIC/CNPq)
andr3aogm@gmail.com

Mábia Nunes Toscano (UFPB/CAPES)
mabia.toscano@gmail.com

Introdução

A Linguística Cognitiva consiste em um conjunto teórico que busca entender a relação entre cognição e linguagem, e propõe modelos teóricos para estudar esse fenômeno. Tendo em vista que a linguagem possui uma dimensão social e cognitiva, pretendemos estabelecer uma investigação referente à relação entre aspectos gramaticais e funções cognitivas como espaços mentais, mesclagem conceitual e postura epistêmica. Essa relação pode ser identificada pelo entendimento da gramática como um sistema de padrões formais no uso real da fala.

Este trabalho visa destacar as Construções Gramaticais baseadas em alguns postulados da Linguística Cognitiva dando ênfase aos estudos da Gramática de Construções de Salomão (2009). Nossa proposta é investigar a introdução dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual nas construções condicionais epistêmicas, nas contrafactuais e no dativo com infinitivo. Dentro da perspectiva cognitivista não é possível tratar separadamente forma e significado tendo em vista que cada construção é o emparelhamento de uma estrutura sintática (forma) e um conteúdo semântico (sentido).

Pretendemos demonstrar de que maneira os itens gramaticais atuam na construção desses espaços bem como no processo de Mesclagem Conceptual que é um desdobramento da teoria dos Espaços Mentais proposto por Fauconnier (1994). Para isso, partiremos de uma revisão teórica sobre o assunto e utilizaremos como exemplos dados do *corpus* do Projeto *Variação Linguística do Estado da Paraíba - VALPB* (HORA; PEDROSA, 2001), que busca traçar o perfil linguístico do falar pessoense. Esse *corpus* é constituído de uma amostragem do português falado na Paraíba, coletada por meio de entrevistas com 60 informantes dos sexos masculino e feminino de diferentes níveis de escolarização e de diferentes faixas etárias.

Apresentaremos um exemplo de cada uma das construções que nos propusemos estudar. Por isso escolhemos um recorte dos dados que demonstra de maneira geral como os informantes constroem o sentido, e analisaremos as variantes morfossintáticas encontradas na fala da variedade linguística pessoense comparando-as às estruturas padrão do Português Brasileiro.

Objetivamos observar a variabilidade morfossintática levando em consideração a necessidade que o falante tem de atuar contextualmente, modelando sua atividade linguística a partir de motivações cognitivas. Por fim, discutiremos os resultados da análise realizada.

1. Fundamentação teórica

1.1. Teoria dos Espaços Mentais e Mesclagem Conceitual

Uma das premissas da teoria dos espaços mentais é de que os espaços formam operações de correspondência entre domínios, sendo que essas operações são indicadas por estruturas linguísticas específicas. A maneira como pensamos e agimos, ou seja, como recortamos a nossa realidade, é estruturada por um sistema de conceitos que apreendemos e acessamos de modo inconsciente. Segundo Fauconnier (1994), a teoria dos Espaços Mentais “propõe que espaços são construídos à medida que o discurso se desenvolve”, e que espaços mentais “representam estruturas construídas no nível cognitivo”. A linguagem aciona a constituição de processos mentais que servem para compreensão de novos significados que são construídos com as transferências de informações entre domínios.

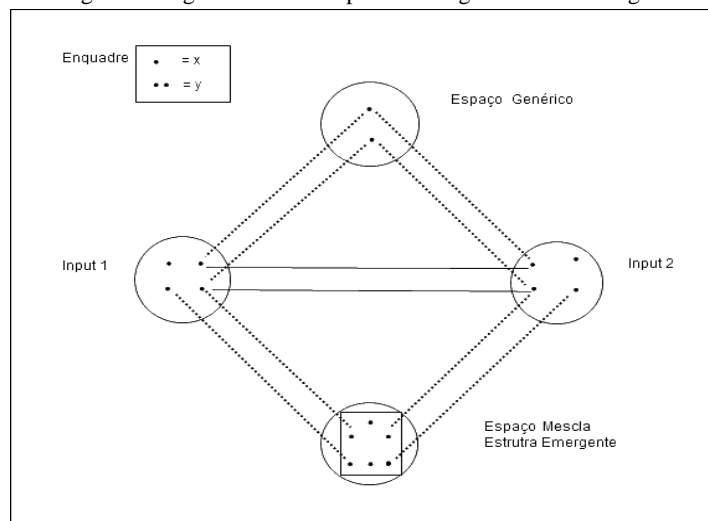
Os construtores de Espaços Mentais nas construções gramaticais são apresentados de formas variadas, como sintagmas preposicionais, sintagmas adverbiais, marcadores de tempo e modo verbal.

Alguns conceitos são importantes para compreensão desses espaços, que são as noções de domínios e projeções. Quanto às projeções, segundo Rodrigues (2010), “têm como função construir e ligar domínios”. As projeções entre domínios são essenciais para o processo de mesclagem conceitual. “A projeção conceptual tem lugar entre espaços mentais, que são definidos como representações temporárias construídas pelos falantes” (p. 72). Os domínios cognitivos são conjuntos de determinados conhecimentos organizados. Por exemplo, quando alguém diz: *Na peça, Edson Celulari era Dom Quixote*, a expressão “na peça” atua como construtor de espaço mental acionando um espaço que diz respeito à situação fictícia da encenação.

A mesclagem, ou *blending* pode ocorrer no léxico, na sintaxe ou em situações comunicativas. Ainda de acordo com Rodrigues (2010), “a mesclagem não trata, portanto, apenas da projeção de um domínio fonte em um alvo, como o mapeamento analógico, mas conduz a um nível de ação integrada, ou seja, a um novo domínio emergente”. (p. 79). Com isso, a mesclagem é percebida em vários processos da criação como na arte, no humor, nas construções linguísticas, etc.

A mesclagem é representada sendo constituída de quatro domínios ou espaços mentais que interagem na integração do conhecimento como observamos no diagrama abaixo. O domínios da esquerda e da direita correspondem aos inputs 1 e 2. Em cima temos o espaço genérico, que define a correspondência abstrata entre os inputs. Existe também o quarto domínio, o espaço-mescla, que possui propriedades dos inputs, mas também apresenta propriedades originais, resultando disso, uma estrutura emergente que apresenta uma nova conceptualização.

Figura1: Diagrama básico do processo cognitivo de mesclagem



1.2. Gramática Cognitiva e Gramática de Construções

A Gramática Cognitiva tem como característica investigar as diferentes perspectivas estabelecidas pelas estruturas linguísticas, seja nos aspectos dinâmicos da gramática ou na forma como o falante codifica a linguagem. A ideia fundamental dessa teoria é que o significado é construído cognitivamente.

A Gramática de Construções é uma das teorias da Linguística Cognitiva, e tem como função analisar a integração entre estruturas linguísticas e processos cognitivos. Por ser uma teoria que se baseia no pareamento forma-significado, as construções são compreendidas como unidades simbólicas que se sustentam no uso e tem como característica a esquematização ou abstração das estruturas linguísticas que são recortadas dos eventos reais de fala no evento comunicativo. Em outras palavras, essas construções são as unidades básicas do conhecimento da linguagem.

“O elemento crítico que levou à postulação das Construções como unidades básicas da gramática resultou da percepção de que, no caso das expressões linguísticas reconhecíveis como objetos analíticos, o todo não é a soma das partes”. (SALOMÃO, 2009, p. 39)

Podemos compreender a construção sintática através da gramática de construções, visto que esta tenta explicar a construção como um todo e não apenas por um item lexical.

“No modelo de Goldberg (1995), uma construção gramatical é definida como um par forma-significado, sendo que não se pode prever algum aspecto da forma ou do significado a partir das partes componentes da construção ou de outras construções previamente estabelecidas”. (FERRARI, 2010, p.135)

Nesse sentido, a Gramática de Construções é um sistema de conhecimento que inclui os níveis morfológicos, sintáticos e lexicais. Segundo Salomão (2009), “construções são unidades básicas do conhecimento linguístico”, ou seja, são as unidades básicas da gramática que é o conjunto de todas as construções de uma língua.

Levando em conta que esse trabalho é baseado numa perspectiva sociocognitivista, optamos pelas análises das construções condicionais epistêmicas, das construções contrafactuais e das construções com dativo com infinitivo.

As construções condicionais epistêmicas são construções que exprimem a ideia de que o conhecimento de um evento representado na prótase é suficiente para conclusão expressa na apódose, podendo ainda possuir uma relação de causalidade entre os eventos da estrutura condicional e ainda ser caracterizado como postura negativa, neutra ou positiva (*Se chover, eles vão cancelar o jogo/ Se chovesse, eles cancelariam o jogo/ Chovendo, eles vão cancelar o jogo*). Essa relação de causalidade permite a ligação dos elementos dentro do domínio condicional. As formas verbais podem sinalizar postura epistêmica, de acordo com Bezerra (2009) “além de sinalizar postura epistêmica, as formas verbais podem também sinalizar o movimento de distanciamento do enunciador em relação ao evento da apódose”. Neste domínio epistêmico, as condicionais expressam a ideia de que o conhecimento do evento ou estado de coisas expresso na prótase seria uma condição suficiente para determinar a conclusão expressa na apódose.

As construções condicionais contrafactuais são um processo de comparação entre o domínio do desejo do falante e do domínio da vida real ressaltando as

diferenças, essas construções são fatos postulados em outro domínio que não o da realidade (*Se eu fosse você, eu me contrataria*). Essa construção é mostrada na linguagem através de diferentes mecanismos cognitivos, como por exemplo, a mesclagem e os espaços mentais.

“Não existem estruturas condicionais rígidas, formas prontas, nas quais o significado temporal ou contrafactual deva ser encaixado. Existem esquemas sintáticos dos quais o falante lança mão para construir a forma linguística que melhor consiga expressar o conceito que ele traz consigo”. (BEZERRA; MEIRELES, 2009).

Em construções desse tipo, as formas verbais podem indicar distanciamento epistêmico dependendo do posicionamento do enunciador. Ou seja, o movimento de distanciamento do enunciador em relação ao evento da apódose sinaliza esse distanciamento, isso pode ocorrer a partir do grau de ligação de causalidade entre prótase e apódose.

E as construções de dativo com infinitivo que apresentam um esquema sintático do tipo *para x infinitivo*, são construções que estão diretamente ligadas ao grau de escolarização do indivíduo devido ao fato de existir casos de concordância entre o pronome e o infinitivo. De acordo com Torrent (2009), “por ser uma construção, o Dativo com Infinitivo possui elementos semânticos próprios que o diferenciam de outras construções da língua”. Assim, essa construção é considerada autônoma, pois não precisa necessariamente estar ligado ao verbo finito, mas sim ao contexto como um todo. Encontramos ainda nas construções dativas os elementos básicos desse esquema semântico: agente, paciente e beneficiário. O agente é o sujeito que pratica a ação; o paciente é o objeto transferencial do verbo e o beneficiário pode ser tanto o sujeito da oração ou o experienciado que recebe o objeto da transferência. O esquema para x infinitivo possui três características fundamentais: possui um elemento formal em que se mescla os papéis de agente, paciente e beneficiário; o esquema semântico da construção indica um evento que constitui uma resultante virtual de uma ação ou contexto, e a noção de finalidade na estrutura sintática em si.

2. Análises das ocorrências

Definidas as características básicas para a compreensão das construções que nos propomos estudar, passaremos às análises apontando suas particularidades.

Ao levantarmos os dados, observamos as ocorrências do Dativo com Infinitivo que tem em sua estrutura um verbo transferencial e é regida pela preposição *para*, vejamos o exemplo abaixo:

Informante: 24 – Anos de escolarização: 1 a 4 – Sexo: Feminino – Faixa etária: mais de 50 – Linhas: 54-58.

- (1) “Eu acho que a violência concorreu muito devido essas criança e também ter um : uma polícia mais rígida no bairro, né? como seja, fazer um um :: canto assim pra colocar as crianças, essas criançaø. Ter trabalho pra ele, ter desenvolvimento. **Pra eles ter alguma coisa a fazer.** Porque se você não tem nada a fazer, você só

procura fazer o que não o que não vale a pena, né?” (VALPB, 2001)

Como podemos observar, nessa oração temos um esquema sintático do Dativo com Infinitivo. O exemplo é um tipo das instanciações do DCI no português brasileiro definida por Torrent (2009). É facilmente identificado, pois apresenta uma construção *para x infinitivo*, essa construção indica que há um propósito a ser atingido e passa ideia de finalidade. Em (1), temos que o enunciador relata que a violência é um fato corriqueiro e que as crianças de rua são as que mais sofrem com isso. Para o informante, ter um trabalho seria uma maneira de tentar modificar esse fato. O verbo *ter* possui uma construção transitiva transferencial do tipo (CAUSAR-RECEBER), assim, o agente atua sobre um paciente que é o objeto da oração.

O esquema do significado do verbo *ter* molda-se a construção sintática como um todo. Ou seja, mostra que o sujeito experiencia a ação e atua sobre um paciente, fazendo com que o mesmo se transfira para um beneficiário. Dessa maneira, a oração apresenta a existência de um beneficiário agente. Podemos verificar essa construção na figura abaixo:

Figura 2 – DCI com construção transferencial

Sem:	CAUSAR-RECEBER	<	agente	paciente	beneficiário	>
	↓		↓	↓	↓	
R:	↓	<	↓	↓	↓	>
	↓		↓	↓	↓	
Sint:	V		Suj.	Obj.	Obl.	

Nas ocorrências das Construções Contrafactuais, observamos que formas verbais servem para indicar a relação do falante com aquilo que ele expressa.

Informante: 04 – Anos de escolarização: 1 a 4 – Sexo: masculino – Faixa etária: 15 a 25 – Linhas: 193-201.

- (2) “Bom, **se: eu tivesse um pai compreensivo**, um pai que realmente desse valôø ao filho, um pai que realmente é: considerasse + Eu tenho certeza que hoje eu tinha um bom relacionamento ôø meømo, **teria uma vida muito boa**, porque por não <ter:> criado pelo meu pai, eu sempre fui um moço que dependi de mim mesmo, ôø por ôøtra da ajuda de algumas pessoas que eu tenho a maióø aproximação. Porque eu sempre trabalhei pra mantêø a minha pessoa, sempre fiø muito as coisaø pra mim. Tudo em geral eu sempre fiø pra mim, quéø dizêø hoje, é: se eu tivesse um pai eu tinha um bom relacionamento, como não tenho + um bom, uma boa vida, eu acho, podia não têø também, mas optava pelo lado de têø, mas como não tenho pai hoje passo por algum processo, porque não conheço o meu pai”. (VALPB, 2001)

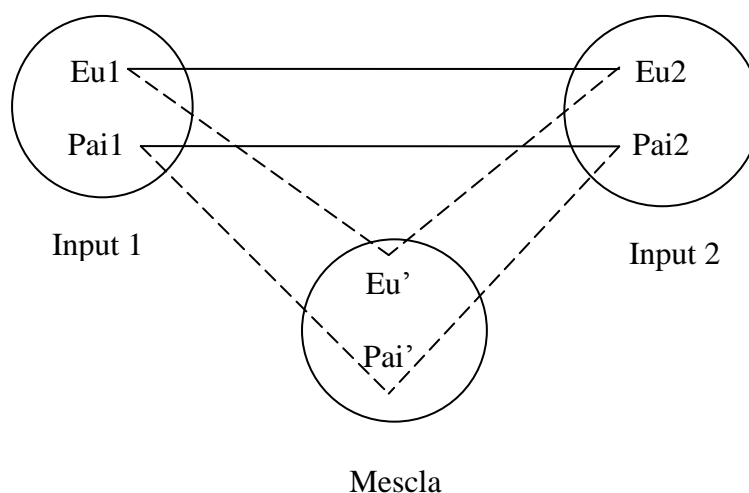
Nessa construção encontramos a relação de um enunciador e um enunciado. Essa construção condicional é introduzida pela conjunção “se”, e determina uma relação de causalidade entre a prótase, que estabelece condição para afirmar o que se encontra

na apódose. A condicional contrafactual busca ressaltar diferenças. Podemos afirmar isso quando o falante utiliza o pretérito imperfeito do subjuntivo “se eu tivesse”, indicando que o evento é contrário às expectativas do informante, trata-se de um contrafato, ou seja, um fato que pertence a um domínio que não o da realidade. Nesse caso, um espaço mental hipotético é construído, assim, o falante apresenta uma postura que se distancia da realidade.

O uso da forma verbal passada indica um evento tomado como fato, por isso, o impedimento encontrado na prótase contraria a forma verbal futura “teria”, encontrado na apódose. Dessa forma, o falante verifica qual a melhor maneira de expressar o que ele idealiza ou conceptualiza no esquema sintático, uma vez que o falante tenta expressar o mundo não como ele é, mas como ele o concebe.

Trazendo isso para a teoria dos espaços mentais, os indicadores linguísticos ou construtores de espaços mentais introduzem as marcas de diferença entre um espaço e outro. Assim, o significado dessa sentença envolve um mapeamento do espaço real em que “eu” desejaria ter um pai compreensivo, para um espaço contrafactual em que a disposição do falante e não sua situação foi transferida para o ouvinte. Essa construção sintática sinaliza uma relação em que os eventos 1 e 2 se mesclam, estabelecendo um mapeamento entre domínios.

Figura 3 – Mesclagem Contrafactual



Observamos nas ocorrências das Construções Epistêmicas que esta possui uma relação de causalidade entre os eventos da estrutura sintática, ou seja, há uma causalidade entre a prótase e a apódose. Vejamos no exemplo abaixo:

Informante: 08 – Anos de escolarização: 9 a 11 – Sexo: Masculino – Faixa etária: 15 a 20 – Linhas: 648-653.

- (3) “De manhã eu estudo, à tarde eu faço Educação Física, depois da educação física eu estudo. **Quando tem ensaio de cinco e meia**, como tá senão agora, aí eu, e:u: vôo, ensaio até, vamo0 dize0, até sete, sete e meia, **quan0o chego em casa às veze0 não dá tempo estudá0**, eu num estudo, mays eu estudo já depois da Educação Física já por causa disso. Sempre assim. De Segunda + à Sexta de manhã aula; Segunda, Terça e Quinta à tarde a Educação Física,

eu estudo e faço o ensaio, e no Sábado à tarde vôo ao teatro mays volto cedo”. (VALPB, 2001)

Nessa construção temos o marcador “quando”, apresentando uma relação de causalidade, em que um conhecimento prévio parte do falante, levando-o a uma conclusão específica. Como podemos observar nessa estrutura sintática, o fato de o falante não ter tempo para estudar quando chega a sua casa, pelo motivo de este estudar em tempo integral, nos leva a considerar a postura epistêmica temporal, em que a relação de causalidade é pautada pelo conhecimento prévio do enunciador, no qual o posicionamento epistêmico deste é caracterizado pela postura positiva. Nesse caso temos a relação (CAUSAR-SUPOR).

Conforme a marcação verbal utilizada na construção, o Presente do Indicativo indica que o enunciador considera o enunciado como fato. Assim, as construções condicionais epistêmicas estabelecem uma relação de correspondência entre a prótase e a apódose, em que o falante demonstra convicção ao evento expresso na construção sintática em si, tornando assim, uma estrutura semântica condicional epistêmica. De acordo com Bezerra (2009) “construções temporais são interpretadas como construções condicionais, se a relação de temporalidade que representam passa a expressar uma relação genérica de causa possível do evento subsequente pelo evento antecedente”. Assim, existe uma relação causal entre os eventos da estrutura condicional epistêmica.

Figura 4 – Construção temporal como condicional

Sem:	CAUSAR-SUPOR	<	agente	paciente	beneficiário	>
	↓		↓	↓	↓	
R:	↓	<	↓	↓	↓	>
	↓		↓	↓	↓	
Sint:	V		Suj.	Obj.	Obl.	

Considerações finais

As análises desenvolvidas pelo presente estudo buscaram demonstrar uma amostragem das construções condicionais e gramaticais do Português Brasileiro, com base nos postulados da Linguística Cognitiva. Procuramos focalizar a variabilidade morfossintática na construção do sentido dos falantes estudados. Verificamos que a conjunção “se” sinaliza uma negociação para introdução dos espaços mentais condicionais, enquanto o uso de “quando” indica que estes espaços já foram negociados anteriormente. Tendo em vista que uma das formas que o enunciador tem para marcar a estrutura epistêmica é através da forma verbal. E que a construção *para x infinitivo* do DCI possui elementos semânticos próprios e está diretamente ligado ao grau de escolarização do falante. Com isso, nossa pretensão foi analisar as variantes morfossintáticas encontradas no falar pessoense comparando-as com as estruturas do Português Brasileiro padrão e levando em consideração a necessidade que o falante tem de atuar contextualmente, modelando sua atividade linguística a partir de motivações cognitivas.

Referências Bibliográficas

- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FERRARI, L. V. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, L. V. *Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional*. Veredas (UFJF), Juiz de Fora, v. 3, n.4, p. 115-128, 1999.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Org.). *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba*. (Vols I, II, III, IV e V). João Pessoa: Ideia, 2001.
- MEIRELES, F. A. R; BEZERRA, W. S. *Um estudo sobre construções condicionais no PB*. In: MIRANDA, N.S.; SALOMÃO, M.M.M. (Org.). *Construções do português do Brasil - da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009, p. 150-176.
- RODRIGUES, Jan Edson. *Conceptualização na linguagem: dos domínios cognitivos à mente social*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010.
- SALOMAO, M. M. M. *Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua*. In: Neusa Salim Miranda; Maria Margarida Martins Salomão. (Org.). *Construções do Português do Brasil*. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 33-74.
- TORRENT, T. T. *A Construção de Dativo com Infinitivo*. In: Neusa Salim Miranda; Maria Margarida Martins Salomão. (Org.). *Construções do Português do Brasil*. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 122-149.